

Semeando o cuidado: desenvolvimento de recursos pedagógicos na experiência do curso Educação Popular e Plantas Mediciniais na Atenção Básica à Saúde

Grasiele Nespoli¹, Camila Furlanetti Borges², Cynthia Macedo Dias³, João Vinicius dos Santos Dias⁴

Resumo

Este estudo aborda a experiência de construção de recursos educativos, um livro e um jogo, no contexto do curso Educação Popular e Plantas Mediciniais na Atenção Básica à Saúde, que objetiva formar trabalhadores da atenção básica do Sistema Único de Saúde para o desenvolvimento de ações de reconhecimento, valorização e integração dos saberes tradicionais de plantas medicinais no cuidado. A partir da exposição da experiência, são feitas reflexões que apontam caminhos dialógicos e participativos na construção de recursos educativos fundamentados em princípios da educação popular, que preservam uma abertura para inserção na realidade e nos territórios de vida e trabalho dos educandos e educadores. Conclui-se que recursos educativos, na perspectiva da educação popular, colaboram com leituras críticas da realidade, e que as plantas medicinais, como tema gerador, possibilitam a análise de diferentes elementos estruturantes do processo de saúde, doença e cuidado.

Palavras-chave

Recursos Educativos. Educação Popular. Plantas Mediciniais. Atenção à Saúde.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; pesquisadora do Laboratório de Educação Profissional em Atenção à Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; membro do Grupo Temático de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, Brasil. E-mail: grasiele.nespoli@fiocruz.br

² Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; professora-pesquisadora do Laboratório de Educação Profissional em Atenção à Saúde (Laborat); membro do Núcleo de Estudos em Democratização e Sociabilidades na Saúde (NEDSS/Fiocruz). E-mail: camila.borges@fiocruz.br

³ Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil; professora-pesquisadora do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; membro dos Grupos de Pesquisa Design na Leitura de Sujeitos e Suportes em Interação (PUC-Rio) e Jogos e Saúde (Fiocruz). E-mail: cynthia.dias@fiocruz.br

⁴ Doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; professor substituto do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; psicólogo da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jovisdi@gmail.com

Sowing care: development of pedagogical resources on the experience of the “Popular Education and Medicinal Plants in Primary Health Care” course

Grasiele Nespoli⁵, Camila Furlanetti Borges⁶, Cynthia Macedo Dias⁷, João Vinicius dos Santos Dias⁸

Abstract

This study addresses the experience of building a book and a game as educational resources in the context of the Popular Education and Medicinal Plants in Primary Health Care course, which aims to train primary care workers from the Unified Health System to promote recognition, appreciation, and integration of traditional knowledge of medicinal plants in care. Reflections based on the experience highlight dialogic and participatory paths in the construction of educational resources, based on principles of popular education, which preserve an opening for them to have the reality and the territories of life and work of students and educators as a reference. In conclusion, building educational resources from the popular education perspective collaborates with critical readings of reality. Also, utilizing medicinal plants as a generating theme allows the analysis of different structuring elements of the health, disease, and care process.

Keywords

Educational Resources. Popular Education. Medicinal Plants. Health Care.

⁵ PhD in Science and Health Education, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; researcher at the Laboratory of Professional Education in Health Care (Laborat) at the Polytechnic School of Health Joaquim Venâncio, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; member of the Thematic Group on Popular Education and Health of the Brazilian Association of Collective Health, Brazil. E-mail: grasiele.nespoli@fiocruz.br

⁶ PhD in Public Health, Sérgio Arouca National School of Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor-researcher at the Laboratory of Professional Education in Health Care (Laborat); member of the Center for Studies on Democratization and Sociability in Health (NEDSS/Fiocruz). E-mail: camila.borges@fiocruz.br

⁷ PhD in Design from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor-researcher at the Center for Educational Technologies in Health, Polytechnic School of Health Joaquim Venâncio, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; member of the research groups Design in the Reading of Subjects and Supports in Interaction (PUC-Rio) and Games and Health (Fiocruz). E-mail: cynthia.dias@fiocruz.br

⁸ PhD in Public Health, Sérgio Arouca National School of Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; substitute professor at the Institute of Collective Health Studies at the Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; psychologist at the Municipal Health Secretariat of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: jovisdi@gmail.com.

Introdução

O curso Educação Popular e Plantas Mediciniais na Atenção Básica à Saúde nasceu de uma demanda de trabalhadores da saúde – particularmente de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) – de aprender mais sobre as práticas integrativas, complementares e populares de cuidado, identificadas no processo de sistematização de outra experiência educativa: o curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS 2)⁹.

A sistematização da experiência do EdPopSUS mostrou o potencial da educação popular no processo de valorização do trabalhador como sujeito de saber, no fortalecimento da participação social, no reconhecimento das culturas populares e na construção de práticas de cuidado comprometidas com o conceito ampliado de saúde (BORNSTEIN; CAETANO, 2020). Dessas últimas, destacaram-se as que fazem uso de plantas medicinais.

No Brasil, as plantas medicinais são contempladas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2006a) e na Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006b). Outras políticas, como a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (BRASIL, 2013a) e a Política Nacional de Educação Popular em Saúde – PNEPS-SUS (BRASIL, 2013b), consideram a importância do reconhecimento e valorização dos saberes e práticas populares de cuidado. Essas políticas possibilitaram, ao longo dos últimos anos, a construção de ações de reconhecimento, valorização e incorporação de práticas integrativas, complementares, tradicionais e populares de cuidado nos territórios de atenção básica do Sistema Único de Saúde (SUS), envolvendo a participação popular e um agir dialógico e crítico sobre a realidade.

As plantas medicinais promovem um encontro entre conhecimento científico e saberes populares, desde o cultivo e plantio, passando pela colheita, modos de preparo, alimentação e, por fim, chegando ao uso medicinal para tratar sintomas, prevenir doenças ou manter a saúde em equilíbrio. A ciência das plantas se faz, muitas vezes, pela investigação dos conhecimentos tradicionais, especialmente por meio da etnobotânica, que é o método que estuda a relação entre humanos e plantas, com base na observação detalhada de como uma

⁹ O EdpopSUS foi uma importante estratégia de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), proposta pelo Ministério da Saúde em duas etapas compreendidas entre o período de 2013 e 2018. A primeira edição foi coordenada pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca entre os anos de 2013 e 2014, teve duração de 53 horas, envolveu nove estados e formou, aproximadamente, 19 mil trabalhadores da saúde. A segunda edição (o EdPopSUS 2) foi coordenada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e começou em 2016, em 15 estados, com carga horária de 160 horas e mais de nove mil egressos.

sociedade faz uso dessas, “incluindo as crenças e práticas culturais associadas com este uso” (HEINRICH *et al.*, 2004 *apud* VILLAS BÔAS *et al.*, 2018, p. 27).

Dessa forma, as plantas medicinais são importantes recursos, tanto para a valorização e preservação do patrimônio cultural e natural do nosso país, como para a promoção do cuidado em uma perspectiva ampliada e integral, isto é, um cuidado que leva em consideração a complexidade que envolve a organização da vida e que ordena o processo saúde-doença.

Nessa perspectiva, foi elaborado o curso Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde, com o objetivo de formar trabalhadores do SUS e lideranças comunitárias para o desenvolvimento de ações de valorização, reconhecimento e integração dos saberes populares e tradicionais de cultivo, coleta, preparo e uso de plantas medicinais no cuidado salutar. Para apoiar o curso, foi desenvolvido um livro - que organiza a trajetória formativa e materializa o currículo - e um jogo, cuja narrativa tem, como referência, o trabalho de ACS nos territórios de saúde.

Coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (SES/RJ) e com o Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz), o curso, no final de 2019, foi planejado para acontecer de forma presencial e com duração de 176 horas, que seriam divididas em 17 encontros e cinco momentos de inserção nos territórios. Todavia, com a pandemia e a consequente suspensão das atividades presenciais, o mesmo foi adaptado para modalidade remota, tendo sua carga horária reduzida, buscando se adaptar à dificuldade de liberação dos trabalhadores da atenção básica naquele momento de priorização das atividades de combate à pandemia.

Assim, foram ofertadas quatro turmas do curso com 54 horas, 12 encontros síncronos (total de 34 horas) e dez atividades assíncronas (total de 20 horas). A oferta somou um total de 110 vagas, sendo formados, em 2021 e 2022, 97 trabalhadores¹⁰ da atenção básica que atuam em municípios do estado do Rio de Janeiro, principalmente das regiões Serrana e Médio Paraíba.

Neste artigo, buscamos descrever a experiência de construção dos recursos educativos do curso Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde, apresentar as bases teóricas que orientaram o processo de desenvolvimento do livro e do jogo, bem como refletir sobre suas potencialidades, limites e desafios. Trata-se de um relato da experiência a

¹⁰ O curso envolveu, majoritariamente, ACS, mas também enfermeiros, médicos, nutricionistas, farmacêuticos e outros profissionais de equipes ou Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF).

partir das vivências, diálogos e reflexões feitas por educadores e educandos sobre o processo de construção do curso e de seus recursos pedagógicos¹¹.

Nosso intuito é, também, possibilitar reflexões sobre a importância da valorização das culturas populares e da construção compartilhada do conhecimento, por meio da problematização da realidade e de temas considerados fundamentais para despertar a curiosidade, a investigação e a sistematização dos saberes tradicionais de cultivo, preparo e uso de plantas medicinais em processos de cuidado e cura.

A experiência apresentada quer somar a outras que indicam o potencial de recursos educativos na perspectiva da educação popular (DIERCKS; PEKELMAN; WILHELMS, 2007; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2014; NESPOLI *et al.*, 2020; SANTOS; VALENTE; PIMENTA, 2021; SILVA, 2022), quando envolvem educadores e educandos em processos dialógicos de leitura crítica da realidade que levam à busca do ser mais, de inéditos viáveis e projetos futuros.

Educação popular e plantas medicinais na atenção básica: o livro

A educação popular se consolida, historicamente, como uma importante proposta teórica e prática para formação política em diversos campos de atuação. Articula-se com o movimento de luta pelo direito à saúde, reforçando a concepção ampliada inscrita no marco da VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, e orienta-se na perspectiva de valorização das experiências e saberes populares, bem como pela construção compartilhada do conhecimento como um processo democrático e de enfrentamento das iniquidades sociais. Na perspectiva da concepção ampliada de saúde, atua, também, na resignificação do cuidado, buscando romper a hegemonia da racionalidade biomédica que estrutura as práticas por vias normativas que incidem sobre sintomas e comportamentos individuais em detrimento das condições sociais, econômicas e culturais, que determinam o processo saúde-doença.

Vale lembrar que a institucionalização da PNEPS-SUS foi um caminho percorrido no sentido de fortalecer processos de leitura crítica da realidade que envolve a determinação social do processo saúde-doença e a necessidade de defesa e efetivação dos princípios do SUS, para que a saúde seja, de fato, um direito. Um dos eixos estruturantes da Política, o da

¹¹ A análise da experiência não utiliza dados obtidos diretamente com os participantes da experiência, nem faz menção a informações identificáveis ou que possam acarretar riscos aos envolvidos, estando de acordo com o estipulado na Resolução nº 510 de 2016, que isenta esse tipo de estudo da necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Formação, Comunicação e Produção de Conhecimento, indica a relevância de processos educativos e de produção de materiais didáticos, visando:

fortalecer a produção, sistematização e socialização de conhecimentos; a qualificação de informações para o enfrentamento participativo dos determinantes sociais da saúde, a construção e compartilhamento de tecnologias de comunicação pautadas pelo respeito à sabedoria popular e pela valorização da diversidade cultural. (BRASIL, 2013, p. 19).

Com a PNEPS-SUS, diversas iniciativas são empenhadas para ampliar o diálogo, os encontros e as experiências de educação popular no campo da saúde, especialmente no âmbito do SUS, confluindo em formações críticas e indissociáveis do compromisso de transformação social e emancipação das classes populares. Dentre outras coisas, experiências de educação popular “podem se constituir em espaços para alimentar novos movimentos e novas práticas, especialmente em iniciativas territorializadas com uma concepção crítica da saúde e suas determinações sociais” (BOTELHO *et al.*, 2021, p. 15).

Nesse sentido, foi pensado o livro que concretiza a proposta do curso Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde. No início de seu desenvolvimento, levamos em consideração as avaliações do material educativo do EdpopSUS 2 (BORNSTEIN *et al.*, 2016), realizadas por educadores e educandos (NESPOLI *et al.*, 2020). Desse, mantivemos a proposta de encontros e trabalhos de campo, sendo nomeados como *encontros para partilhas e trocas e momentos de inserção*. Mas optamos por não induzir a organização da trajetória formativa atrelada à carga horária prevista no plano do curso da EPSJV, possibilitando abertura para outros planos, temporalidades e usos possíveis do recurso em diferentes projetos educativos.

No esforço de eleger conteúdos afins ao desafio da educação popular nesse curso, foi oportunizado o diálogo em torno das especificidades das diferentes trajetórias e formações acadêmicas dos educadores-autores: conceitos, nomenclaturas, teorias e visões de mundo, eventualmente conflitantes e divergentes, mesmo sob o manto da ciência, precisaram entrar na roda. Assim, a elaboração do livro se tornou um espaço-tempo de convergência e integração da equipe em torno de algo comum, sendo um fio condutor do nosso próprio processo formativo.

No processo de tessitura coletiva do livro, concordamos em construir caminhos para o diálogo e problematização da realidade, possibilitando a investigação e a sistematização de saberes tradicionais de uso de plantas medicinais e incentivando a construção de hortas comunitárias e o fortalecimento da participação popular. Com isso, o livro busca superar

modelos orientados pela concepção bancária e sanitária, em que se transmitem conteúdos alheios às experiências, realidade e condições de vida das pessoas (MOREL; PEREIRA; LOPES, 2020; DARON, 2014).

Além de textos introdutórios aos eixos temáticos e das atividades pedagógicas sugeridas, foram elaborados textos de apoio com conteúdos pertinentes à reflexão crítica sobre os elementos que envolvem a relação entre educação popular, plantas medicinais, atenção básica e cuidado. A indicação de leituras e vídeos ao final de cada eixo do livro também foi uma estratégia para diversificar a linguagem e ampliar as possibilidades de diálogo com os educandos. O trabalho realizado de forma coletiva e colaborativa permitiu refinar a sequência das atividades e a integração dos conteúdos¹².

A proposta pedagógica situa a educação como comunicação e diálogo ou “como encontro de sujeitos que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46). Nos encontros, além das trocas sobre as vivências e “saberes já sabidos”, são propostas leituras dos textos de cada eixo, buscando ampliar os conhecimentos, mediar a elaboração de conceitos e fundamentos científicos e enriquecer o debate sobre os temas do curso. Os momentos de inserção, por sua vez, reforçam a importância da admiração e da leitura crítica da realidade, para objetivá-la como campo de ação-reflexão-ação, superando visões ingênuas do mundo, guiadas, muitas vezes, por convicções (FREIRE, 1983).

*Os encontros para partilhas e trocas e os momentos de inserção se complementam no esforço de fazer valer a reflexão de Paulo Freire (1987), quando ele, em *Pedagogia do Oprimido*, reflete sobre o humano com um ser em situação, ou seja, em uma condição de enraizamento marcada por uma tal aceitação da realidade, como se estivesse envolto em algo espesso, "algo mais ou menos nublado", "um beco sem saída" (p. 58). A partir da problematização da situacionalidade, o processo educativo deve sair dessa imersão: o humano deve emergir, "capacitando-se para inserir na realidade que se vai desvelando" (p. 58). A inserção "resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica" (p. 58).*

Assim, a primeira parte do livro, organizada em cinco eixos, inicia-se com a reflexão sobre a relação entre educação popular, cultura e cuidado, seguindo para o debate sobre a fitoterapia e o uso de plantas medicinais como prática integrativa e complementar, passando pela problematização da universalização da atenção básica e da produção do cuidado integral pela fitoterapia e uso de plantas medicinais, chegando, por fim, à investigação e

¹² O livro foi submetido à avaliação e aprovado para publicação pelo Conselho de Política Editorial da EPSJV/Fiocruz, segue a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz e está disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/educacao-popular-e-plantas-medicinais-na-atencao-basica-a-saude>.

sistematização dos saberes e práticas populares de cuidado com uso de plantas medicinais do território. De forma sumária, a primeira parte tem os elementos pedagógicos descritos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Estrutura do livro: Parte 1 – Educação popular, atenção básica e plantas medicinais: o valor da cultura e da ciência

Eixos	Questões geradoras	Atividades	Textos de Apoio
1. O coletivo, a educação popular e as experiências de vida e trabalho	<p>O que é a educação popular?</p> <p>O que é a educação popular em saúde?</p> <p>Qual a importância dos saberes populares ou tradicionais para o cuidado?</p> <p>Como a educação popular compreende o cuidado?</p>	<p>Apresentação dos educandos e educadores, de suas trajetórias de vida e trabalho.</p> <p>Leitura e discussão de texto.</p>	A educação popular, a valorização da cultura e a ressignificação do cuidado
2. Os saberes e as práticas de cuidado	<p>Quem cuida?</p> <p>Como cuida?</p> <p>O que entende por saúde?</p> <p>Quais são as técnicas, instrumentos e materiais usados no cuidado?</p> <p>Quais as finalidades do cuidado?</p>	<p>Entrevistas com cuidadores e cuidadoras que trabalham ou vivem no território.</p> <p>Leitura e discussão de texto.</p>	Racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares: como ficam as plantas medicinais nessa história?
3. As plantas medicinais e a fitoterapia na Atenção Básica	<p>O que é atenção primária à saúde?</p> <p>Por que, no Brasil, adotou-se, em</p>	<p>Rodas de conversa com trabalhadores sobre a importância da atenção básica, da</p>	Perspectiva da atenção básica no contexto de universalização do direito à saúde

	<p>determinado momento e no campo das políticas, o termo “atenção básica”?</p> <p>Quais foram os avanços do SUS nesse campo?</p> <p>Quais são seus limites e desafios atuais?</p> <p>Como se deu o processo de institucionalização das práticas integrativas e complementares e das plantas medicinais e fitoterápicas?</p> <p>O que as políticas prevêem?</p> <p>Quais os potenciais das plantas e fitoterápicos para a atenção básica?</p> <p>Quais seus limites e desafios?</p>	<p>Estratégia Saúde da Família e das plantas medicinais para o cuidado.</p> <p>Leitura e discussão de texto</p>	<p>O potencial da fitoterapia no contexto da atenção básica e da produção do cuidado integral</p>
<p>4. A importância dos saberes populares para o conhecimento científico das plantas medicinais</p>	<p>Como se deu, historicamente, a relação dos seres humanos com a natureza e com as plantas?</p> <p>Quais as diferenças entre a fitoterapia e as práticas médicas modernas?</p>	<p>Entrevistas com os mestres e guardiões dos saberes sobre as plantas para conhecer as que são usadas no território.</p> <p>Construção do herbário.</p> <p>Leitura e discussão de texto.</p>	<p>Nossas eternas parceiras</p> <p>A importância do conhecimento e das práticas tradicionais para a ciência das plantas medicinais</p>

	<p>É possível produzir ciência a partir dos saberes tradicionais e populares?</p> <p>Como promover diálogos entre saberes?</p>		
<p>5. Os saberes populares e os modos de preparo e uso das plantas medicinais</p>	<p>Quais são os modos de preparo e uso de plantas medicinais?</p>	<p>Entrevistas com os mestres e guardiões dos saberes sobre as plantas para conhecer as que são usadas no território.</p> <p>Construção do herbário.</p> <p>Leitura e discussão de texto.</p>	<p>Modos de preparo e de uso das plantas medicinais e remédios caseiros</p>

Fonte: NESPOLI, G. *et al.* (2020).

A atividade de construção do herbário, realizada nos Eixos 4 e 5, é uma estratégia pedagógica que pode ser desenvolvida de diferentes formas, não necessariamente pela técnica da Botânica, na qual o herbário é composto de amostras de material vegetal coletadas e preparadas para servir de registro das espécies. No curso, a construção do herbário tem a finalidade de favorecer a sistematização dos nomes populares e botânicos, das memórias e dos modos de cultivo, preparo e uso das plantas medicinais.

Para a construção do herbário, cada educando escolhe uma espécie a partir da investigação das plantas que fazem parte do bioma da sua região e são de uso corrente entre usuários do SUS, parentes, vizinhos ou amigos moradores do território onde atua. Sobre a planta escolhida, consultam saberes populares e informações científicas, selecionando imagens que podem ser fotografias ou desenhos, ou amostras das plantas que podem ser secadas e armazenadas adequadamente. Depois de sistematizados pelos educandos, os saberes são compartilhados nos encontros, promovendo a troca e a construção coletiva do conhecimento.

A segunda parte do livro é composta por três eixos. Inicia-se com a reflexão sobre as possibilidades de construção de hortas - tendo, como referência, princípios da agroecologia e a realidade dos territórios -, aprofunda a discussão sobre os cuidados no preparo e uso de plantas e finaliza com a proposta de sistematização da experiência formativa e dos saberes apre(e)ndidos, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Estrutura do livro: Parte 2 – Cultivar plantas e semear cuidado: a horta como projeto popular

Eixos	Questões geradoras	Atividades	Textos de Apoio
6. O território e a dimensão comunitária da horta	Qual a importância dos sistemas agroecológicos para a preservação do patrimônio natural (da biodiversidade) e cultural (dos saberes e tradições)? E para a promoção de outra lógica econômica? Como a horta pode ser uma estratégia de promoção de cuidado integral e de construção do vínculo entre os serviços de saúde e a comunidade? Qual o papel dos trabalhadores? E da população? Como promover o cuidado da horta?	Roda de conversa com a população sobre a importância da participação popular na construção de hortas, e como essas podem figurar dispositivos de integração da vida comunitária e de valorização e mediação de saberes populares e científicos. Leitura e discussão de texto.	Por que agroecologia? Como estabelecer uma horta comunitária de plantas medicinais.
7. O cuidado com as	Quais os cuidados	Leitura e discussão de	O cuidado com o

plantas no preparo e uso medicinal	necessários no preparo e uso de plantas para fins medicinais?	texto.	preparo e o uso de plantas medicinais.
<p>8. A sistematização dos saberes sobre as plantas medicinais e da experiência formativa</p>	<p>Como foi, para vocês, essa travessia? Os encontros?</p> <p>Em que momentos os encontros ampliaram a potência? Em que momentos diminuíram?</p> <p>O que foi fácil? O que foi difícil?</p> <p>As atividades propostas foram realizadas?</p> <p>Qual foi o envolvimento de cada um e do coletivo no processo?</p> <p>O que doaram? O que perderam? O que receberam? O que ficou? O que afetou?</p> <p>Do que não gostaram?</p> <p>O que deixar para trás e o que levar adiante?</p> <p>O que vocês alterariam?</p>	<p>Registro das atividades, construção de textos, poesias, cordéis, encenações, cartazes, estandartes, faixas, mandalas ou qualquer outra linguagem e recurso que expressem a trajetória realizada.</p> <p>Apresentação do herbário.</p>	

Fonte: NESPOLI, G. *et al.* (2020).

Como forma de conferir sentido à experiência, os últimos encontros do curso educandos e educadores dialogam sobre as vivências, aprendizagens e conhecimentos construídos ao longo do processo, com base nas questões apresentadas no quadro acima. A sistematização da experiência é um caminho para a produção do conhecimento e para a compreensão dos processos coletivos que devem ser analisados a partir de seus contextos e particularidades, pelas ações que as constituem, “pelos sutilezas pessoais expressas nas percepções, sensações, emoções e interpretações de cada um dos protagonistas das mesmas” (HOLLIDAY, 2012, p. 74).

Em relação à experiência das quatro turmas ofertadas, o livro foi avaliado positivamente no processo de sistematização, tanto pelo percurso pedagógico traçado, como pela reflexão que possibilitou sobre as vivências em educação popular e a importância do reconhecimento, da valorização e da integração dos saberes e práticas populares de cuidado com plantas medicinais na atenção básica à saúde, sistematizados em herbários¹³.

De modo geral, os textos foram considerados de fácil entendimento e consistentes com a proposta de se promover uma leitura crítica da realidade que envolve o tema central do curso. Contudo, observamos maior dificuldade na compreensão dos textos iniciais que trazem conceitos pertinentes à educação popular e ao cuidado, como educação bancária, hegemonia, ideologia, ontologia e racionalidades médicas.

Por sua vez, avaliamos que a maior dificuldade enfrentada foi relativa ao tempo disponível para participação no curso em função da sobrecarga que a pandemia de Covid-19 gerou nos serviços e trabalhadores da saúde. Da parte dos educadores, destacamos que os encontros remotos com duração de duas horas, mediados por tecnologias digitais, foram fatores que comprometeram a possibilidade de maior dedicação à leitura coletiva e do diálogo aprofundado sobre os conteúdos do livro.

Dos desafios, é preciso considerar as diferenças em relação ao processo de leitura, interpretação e compreensão dos textos, especialmente quando a turma abrange trabalhadores com diferentes níveis de escolaridade. Além desse aspecto, ao pensarmos o curso para um público misto da atenção básica, cujo processo de trabalho é reconhecidamente hierarquizado e médico-centrado, lidamos com uma parte daquilo que materializa a hegemonia do saber biomédico e que o livro aborda buscando problematizar, criticando seu caráter excludente.

No processo de escrita do livro, tentamos tratar desse desafio por meio da escolha da linguagem, dos exemplos e das perguntas geradoras. Mas a delicadeza com que tentamos

¹³ No contexto da formação remota, os herbários foram virtuais, estruturados em painéis pela ferramenta *Padlet*.

abordar essa questão na escrita dos textos deve ser estendida aos encontros durante o curso. Assim, é fundamental valorizar cada educando em sua singularidade, incentivar o ato de ler e diversificar as linguagens e estratégias educativas para possibilitar a aprendizagem. Nesse aspecto, o recurso a diferentes expressões artísticas tem se mostrado potente.

Semeando o cuidado: o jogo

O jogo *Semeando o cuidado* também foi desenvolvido de forma participativa e dialógica, passando por várias etapas até sua versão final: discussão, levantamento e seleção de conceitos e informações relevantes para os educadores; definição da experiência de jogo desejada e seleção das mecânicas, dinâmicas e informações que seriam disponibilizadas; prototipagem e testes para verificar se os conteúdos e dinâmicas estavam coerentes com a experiência proposta pelo grupo.

O processo de criação ampliou a equipe, que passou a contar, também, com educadoras experientes em desenvolvimento de jogos educativos, além daquela que construiu o plano de curso e o livro. As distintas formações acadêmicas dos educadores - Agronomia, Biologia, Botânica, Farmácia, Comunicação Social, História e Psicologia - permitiram realizar a atividade de elaboração do jogo como um espaço de qualificação interdisciplinar da própria equipe, que testou, refletiu criticamente e ajustou as mecânicas, dinâmicas e conteúdos coletivamente e de maneira contínua.

A narrativa do jogo, a dinâmica, as mecânicas e as regras foram pensadas como dispositivos para experienciar princípios da educação popular, começar pelo fato de ser um jogo cooperativo: os jogadores são agentes de saúde que iniciam a trajetória com um conjunto de cartas que lhes dão algum saber e alguma habilidade específica a ser compartilhada, e, assim, estimula-se o diálogo, uma vez que a potencialidade de cada um só ganha sentido nas ações conjugadas e debatidas pelos jogadores. Assim, os agentes encontram necessidades de outros saberes sobre plantas medicinais e colocam-se em movimento pelo tabuleiro, dialogando com outros personagens ao visitar lugares do território. Como um jogo cooperativo, a vitória não é individual e depende de decisões coletivas sobre as estratégias para somar os saberes adequados às necessidades da população do território.

O tabuleiro do jogo representa um território que tem uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no seu centro, além de outros equipamentos sociais, como a escola, a praça, a casa da dona Maria, a casa do seu Zé, a barraca do raizeiro e o armazém, bem como dois atalhos e terrenos para hortas comunitárias. Nesses espaços, é possível estabelecer diálogo com os moradores para investigar novos saberes sobre as plantas medicinais, que podem ser de três

tipos, formando três baralhos: 1) demandas de saúde; 2) indicações de plantas para essas demandas; 3) receitas de preparo de remédios com as plantas indicadas. Cada jogador tem uma quantidade de pontos de ação para realizar atividades como se mover no território, dialogar para obter saberes, coletar e cultivar plantas. A figura 1 apresenta os componentes que estruturam o jogo.

Figura 1 - Componentes do jogo *Semeando o cuidado*



Fonte: DIAS *et al.* (2021).

O objetivo do jogo é sistematizar, pelo menos, quatro dos oito conjuntos de saberes dentro de nove rodadas, buscando a correspondência entre as cartas de demandas, indicações e receitas. Além desses saberes, os conjuntos precisam incluir as cartas de plantas, que são de dois tipos: 1) de cultivo, que devem ser plantadas nos terrenos onde estão as hortas; 2) de coleta, que devem ser coletadas nos atalhos. As plantas de cultivo têm fases de crescimento - plantio, cuidado e colheita - cuja evolução representa o respeito ao tempo de desenvolvimento da planta e também permite o compartilhamento no cuidado da mesma.

Dessa forma, cada jogador pode usar um ponto de ação em cada jogada, para cooperar no cultivo. Existe a opção de colocar as fichas de mudas em hortas comunitárias, espaços do tabuleiro em que o crescimento é mais rápido, representando o efeito do envolvimento da participação comunitária. As plantas de coleta só podem ser adquiridas em terrenos

específicos, os atalhos, representando o desafio de explorar o território¹⁴ e conversar com os moradores, para descobrir onde essas plantas já se desenvolvem espontaneamente na natureza. As 16 plantas que compõem o jogo foram selecionadas a partir do universo de plantas utilizadas popularmente, com recurso à literatura existente e de forma a representar uma diversidade de regiões, indicações e formas de preparo e uso.

Figura 2 - Cartas combinadas formando um conjunto de saberes (demanda, receita, indicação e a planta)



Fonte: DIAS *et al.* (2021).

A composição dos conjuntos de saberes é uma tarefa coletiva. Por isso, após adquirir os saberes, os jogadores devem retornar à UBS para compartilhar as cartas na mesa. É nesse percurso pelo território, até chegar ao compartilhamento dos saberes na UBS, que as habilidades de cada jogador - que definem as exceções às regras gerais do jogo - são postas em prática, de forma pactuada entre os jogadores (DIAS *et al.*, 2021).

Em cada um dos baralhos, existem duas cartas de bloqueio que têm efeito imediato e representam falas fundamentadas em preconceitos ou outros obstáculos que dificultam o diálogo com os moradores, como “Eu ouvi, nas redes sociais, que remédio de planta é tudo mentira” ou “Eu não acredito nisso, é coisa de quem tem fé, de religião...”. Para o desbloqueio, o jogador enfrenta o desafio de apresentar uma contra-resposta, lendo, em voz alta, um texto explicativo contido na carta e baseado em fatos e argumentos científicos. São

¹⁴ Vale registrar que o território, “como espaço vivido pelo homem” (Santos, 2003, p. 310), é um elemento fundamental para a organização do trabalho na atenção básica e das práticas de cuidado. É o lugar de organização comunitária que precisa ser fortalecido como campo de ação, sem perder de vista sua relação com a totalidade que constitui a vida social.

gastos dois pontos de ação para fazer o desbloqueio, representando a perseverança, o exercício “de formiguinha” que o educador popular faz no dia a dia, para a desconstrução de crenças hegemônicas no imaginário popular e que dificultam uma prática de cuidado orientada para a emancipação e a participação comunitárias.

Além do esforço de valorização dos saberes tradicionais e resgate de memórias, de desconstrução de preconceitos e inserção crítica na realidade – representadas pelas cartas de bloqueio –, a educação popular tem encontrado importante desafio no enfrentamento de dificuldades que são frutos da estrutura desigual da sociedade ou têm impacto adverso que, apesar de ser coletivo, é desigualmente sofrido pela sociedade, revelando diferentes níveis de expropriação sofridos sob o capitalismo (ALBUQUERQUE; SILVA, 2014).

Considerando isso, ao final de cada rodada, retira-se uma carta de Evento, que são acontecimentos que podem favorecer ou dificultar o objetivo do jogo. Os eventos adversos, representados por especulação imobiliária, uso de agrotóxicos, espalhamento de notícias falsas e seca, têm o efeito de bloquear terrenos do tabuleiro ou retardar o desenvolvimento das plantas de cultivo. Alguns podem ser revertidos mediante ações de colaboração entre os jogadores, mas outros são irreversíveis, como a contaminação por agrotóxicos.

Os eventos favorecedores do jogo são representados por ações da natureza – como chuva – ou ações de cunho político e institucional – como a divulgação de um Guia de Plantas do SUS, um Curso de Práticas Integrativas e Complementares e ações de Educação Ambiental no território.

Todos esses elementos e dinâmicas foram construídos de forma processual ao longo da experimentação do jogo, que buscou reforçar princípios como o diálogo, a construção compartilhada e democrática do conhecimento e de projetos populares, a problematização da realidade e, em especial, a conscientização de que os problemas e práticas de saúde são determinados histórica e socialmente, e que precisamos agir de forma coletiva e em colaboração, projetando caminhos para o enfrentamento e a superação das desigualdades, preconceitos e obstáculos que colocam a ciência, a saúde e a vida em risco.

O jogo passou por, aproximadamente, 30 sessões de teste ao longo de seu desenvolvimento, com educadores, *game designers*, especialistas em plantas medicinais e ACS. Os testes foram realizados de forma remota pela plataforma Tabletopia, o que também limitou, inicialmente, a dinâmica do jogo, que foi organizada tendo como referência a transmissão por câmeras, apesar do objetivo final ser a utilização presencial do mesmo.

Nas três turmas realizadas em 2021, a explicação do jogo aconteceu remotamente. Por ser um jogo cooperativo e carregar muitos sentidos embutidos nas regras e, com isso, carregar

maior complexidade, alguns educandos, inicialmente, tiveram dificuldades na compreensão da dinâmica de jogo pela leitura do manual. Para facilitar essa compreensão, além do tutorial em vídeo, o jogo foi montado de forma física em uma mesa e uma partida foi mediada por uma das educadoras e transmitida por câmera para cada turma. Após a explicação das regras, cada jogador ou dupla de jogadores (educandos) passou a indicar a jogada desejada, que era, então, realizada pela educadora, manipulando os componentes, lendo e mostrando as cartas na câmera. Esse formato enfrentou desafios como a oscilação da conexão de internet, além da própria mediação remota, que constrói uma relação muito distinta da manipulação direta do jogo. Ainda assim, as turmas relataram como positiva a experiência, no sentido de favorecer a compreensão da dinâmica e dos sentidos do jogo, dentro das possibilidades.

Já na turma realizada em 2022, a aplicação presencial do jogo com os trabalhadores educandos tornou a aprendizagem mais potente, permitindo diálogos mais próximos entre educandos e educadores, esclarecimento de dúvidas e, fundamentalmente, uma maior apropriação do material. Além disso, a experiência física resultou em sugestões de melhorias no design gráfico para que o jogo se torne ainda mais acessível a públicos diversos.

Foram estimuladas práticas de apropriação dos componentes do jogo em outros formatos e com outras dinâmicas, de acordo com cada contexto, cada público, suas limitações e necessidades. Tanto nas experiências remotas quanto na presencial, alguns educandos se apropriaram do jogo como recurso educativo para suas realidades específicas, e, de fato, responderam ao nosso estímulo, fazendo adaptações no jogo e reinventando regras e conteúdos que foram compartilhados com o restante da turma. No entanto, destacamos que essa resposta foi mais profícua na turma presencial.

A mediação do jogo por um educador ainda se faz essencial, a fim de favorecer a apropriação das regras por públicos diversos de forma ágil e de orientar as primeiras jogadas até o grupo se apropriar da dinâmica. Também observamos que essa mediação é tanto mais importante quanto maior a faixa etária dos educandos, visto que o uso de jogos de tabuleiros com maior diversidade e complexidade de elementos e mecânicas têm sido mais comum exatamente no público mais jovem. Entretanto, o jogo se mostrou potente ao provocar diálogos acerca dos usos populares das plantas medicinais, o papel dos ACS na valorização e sistematização desses saberes e os eventos que podem favorecer ou dificultar essas práticas, além do compartilhamento de alguns usos de plantas trazidos pelas cartas e, também,

fornecidos pelos jogadores ao comentarem suas próprias experiências com as plantas, demandas e receitas¹⁵.

Considerações finais

A educação popular, como práxis política-pedagógica, tem sua importância reconhecida nos processos formativos, de gestão, de cuidado e de participação social que primam pela construção coletiva e democrática de caminhos para a promoção da saúde (VASCONCELOS, 2004; BORNSTEIN; CAETANO 2020; PEDROSA, 2021; ALBUQUERQUE, 2021). Diante dos retrocessos e contextos adversos que dificultam a consolidação dessa como direito, a educação popular é uma forma de resistência aos processos de dominação que sustentam a ordem hegemônica do patriarcado, do racismo, do capitalismo e do neoliberalismo, que degradam a vida e mercantilizam a saúde.

Existem muitas formas de dominação. Uma delas é a educação bancária, e outra é o modelo biomédico, que reduz o cuidado à sua dimensão técnica e procedimental, com ênfase em intervenções sobre o corpo e em prescrição de condutas individuais, desconsiderando a dimensão social que envolve o processo de saúde, doença e cuidado. A educação popular em saúde busca enfrentar as duas.

Nessa perspectiva, a construção e uso de recursos educativos devem estar associados à finalidade de promover a leitura do mundo por meio de desafios que incentivem a curiosidade epistemológica. Como ressalta Paulo Freire (2017, p. 85), “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

Ao estruturar caminhos para a investigação, o diálogo e a sistematização dos saberes tradicionais e populares de uso de plantas medicinais no cuidado, o livro e o jogo possibilitam expandir o horizonte de reflexões, abrangendo o cuidado com a terra, a água e o alimento, a reforma agrária, a agroecologia, a soberania alimentar, a espiritualidade e a importância do fortalecimento do vínculo comunitário e da participação social na luta pelo direito à saúde.

Ainda que dificuldades tenham surgido, em função, principalmente, da pandemia e da projeção de todo o processo em modalidade remota, podemos afirmar que os recursos educativos promoveram mediações e diálogos que ajudaram a diminuir a distância entre

¹⁵ O jogo também é disponibilizado em versão *print-and-play*, que permite a incorporação de outras plantas, indicadas para atender às demandas abordadas no conjunto de saberes: <https://www.epsjv.fiocruz.br/semendoocuidado>.

saberes populares e científicos. Além disso, facilitaram a compreensão da importância do uso popular e tradicional de plantas para a construção do conhecimento científico, para a preservação do patrimônio cultural e natural e para a promoção de práticas integrativas e complementares de cuidado nos territórios da atenção básica.

É importante, também, observar o resgate da ancestralidade, que acontece de forma substancial durante o debate travado na leitura do livro e na experimentação do jogo. É uma forma de revisitar a história a partir de saberes silenciados de populações subalternizadas à lógica do capital. Esse processo também nos permite maior compreensão das culturas e práticas de cuidado populares que têm, muitas vezes, raiz no uso de plantas.

Ao longo da experiência, ficou claro que o caminho para a saúde precisa ser construído na contramão das forças que desestabilizam e degradam a vida, e que devem prevalecer as relações dialógicas, com reconhecimento das memórias, saberes, práticas e valores que favoreçam o cuidado de forma mais abrangente e comprometido com a transformação social, bem como que os processos educativos e seus recursos possam ser pensados como estratégias de mediação desse processo. Esperamos que a partilha dessa experiência incentive e fortaleça caminhos nesse sentido.

Referências

ALBUQUERQUE, C. P. Educação popular e decolonialidade: resistências, reexistências e potências para um cuidado inclusivo na saúde e projetos coletivos para o “Bem viver”.

Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 25, e200537, p. 1-5, 2021.

Doi:10.1590/Interface.200537. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/bvJY4synWZhTp7YyGXSBt7m/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

ALBUQUERQUE, G. S. C. de; SILVA, M. J. de S. Sobre a saúde, os determinantes da saúde e a determinação social da saúde. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 953-965, out./dez. 2014. Doi: 10.5935/0103-1104.20140082. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Q4fVqRpm5XfVnfq8HSCymkH/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 12 maio 2022.

BORNSTEIN, V. J. *et al.* **Guia do curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. Disponível em:

http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/guia_edpopsus.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

BORNSTEIN, V.; CAETANO, A. P. A trajetória do EdpopSUS 2: divulgando a educação popular e fortalecendo a Pneps-SUS. In: NESPOLI, G. *et al.* (org.). **Saberes da experiência: sistematização do curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em:

http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/livro_saberes.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

BOTELHO, B. O. de *et al.* Experiências de formação no contexto da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 25, e200195, 2021. Doi: 10.1590/interface.200195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RJqTV8D9DWpLDYd3rcTbHXM/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. **Portaria da Presidência 329/2014-PR retificada por 382/2014-PR**. Institui a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento, visando garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral de toda obra intelectual produzida pela Fiocruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/portaria_-_politica_de_acesso_aberto_ao_conhecimento_na_fiocruz.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (Pneps-SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2013b. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/npic.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CARVALHO, M. A. P. de. Construção compartilhada do conhecimento: análise da produção de material educativo. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

DARON, V. D. P. A educação popular em saúde como referencial para nossas práticas na saúde. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DIAS, C. M. *et al.* **Semeando o cuidado**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021. 1 jogo analógico. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/semeandoocuidado>. Acesso em: 23 ago. 2022.

DIERCKS, M. S.; PEKELMAN, R.; WILHELMS, D. M. Grupos de mulheres e a elaboração de material educativo. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOLLIDAY, O. J. **Sistematização de experiências, prática e teoria**: para outros mundos possíveis. Brasília: Cotag, 2012.

MOREL, C. M. T. M; PEREIRA, I. A. F.; LOPES, M. C. R. **Educação em saúde**: material didático para formação técnica de agentes comunitários de saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. p. 173-177. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/livro_mat_did_acs.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

NESPOLI, G. *et al.* **Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/livro_edpop_med.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

NESPOLI, G. *et al.* **Saberes da experiência**: sistematização do curso de aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/livro_saberes.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, M. W. de *et al.* Diálogo com práticas populares de saúde na formação profissional. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

PEDROSA, J. I. A política nacional de educação popular em saúde em debate: (re)conhecendo saberes e lutas para a produção da saúde coletiva. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 25, e200190, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/Interface.200190>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/b4vyq3gCDv3VT5BgKRvVYQD/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, C. L. dos; VALENTE, P. A.; PIMENTA, D. N. Educação do campo e saúde: análise de materiais didáticos produzidos pelo setor saúde do Movimento Sem Terra. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 8, n. 18, p. 43-68, jul./dez. 2021. Doi: 10.55028/pdres.v8i18.13322. Disponível: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/13322>. Acesso em: 15 out. 2022.

SANTOS, M. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 309-314, 2003. Doi: 10.1590/S1413-81232003000100024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/NwLDv5yhjKPJm3W7j68R9LF/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SILVA, M. G. da. Educação popular e experiências educativas em agroecologia. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 265-285, jan.-abr. 2022. Doi: 10.14393/REP-2022-63075. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/63075>. Acesso em: 23 ago. 2022.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004. Doi: 10.1590/S0103-73312004000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/zdzwnsyC9nQV8dNgsDqbxLd/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

VILLAS BÔAS, G. de K. *et al.* (org.). **Conhecimento popular de plantas medicinais no extremo sul da Bahia**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Submetido em 24 de março de 2022.

Aprovado em 12 de setembro de 2022.